

## A EJA E SEUS DESAFIOS: UMA REALIDADE ATUAL NO MODELO EDUCACIONAL

Ms. Silvio César Lopes da Silva<sup>\*</sup>  
Prof. Dra. Maria das Graças Pinto Coelho<sup>\*\*</sup>

### Introdução

Partindo de uma contextualização sobre a escola, seu modelo e papel na atualidade, nos damos conta, que na maioria das vezes esta não está preparada para as demandas que surgem (MOSE, 2013). Uma vez que os mesmos modelos de avaliação, disciplina, conteúdos, grade curricular permeiam seu espaço desde sua origem, e não favorecem aos alunos refletirem sobre sua condição de sujeitos ativos e participativos no processo como um todo.

É nesse cenário, em alguns casos de negação, que situamos a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma modalidade de ensino necessária para a sociedade atual, com uma demanda específica, mas que é vista em determinados momentos como apêndice da educação. Mesmo tendo essa condição, vem dando a seu público a possibilidade de sobressair da condição a qual se encontra, sonhando com perspectivas futuras. Sabe-se que o aluno da EJA, tem amargado duras penas, optando por esta modalidade de ensino, a qual o tempo em sala de aula é reduzido, os assuntos são compactados e organizados de forma mais reduzida. Além da falta de tempo do próprio educando em conciliar os estudos com o trabalho. Isso prova que por mais que as leis sinalizem para uma adequação do ensino tradicional a realidade do educando, a situação na maioria dos casos não muda. Tais contextos levam ao professor repensar as metodologias a ser desenvolvidas na sala com o intuito

---

<sup>\*</sup> Doutorando em Educação, pela UFRN; Mestre em educação, pela UEPB; Especialista em educação, pela UFCG; Professor da Educação Básica do Estado da Paraíba. [sclopes2@yahoo.com.br](mailto:sclopes2@yahoo.com.br)

<sup>\*\*</sup> Professor Associado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - (UFRN). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Professora do Programa de Graduação e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

de superar as lacunas deixadas ao longo do processo formativo e fazendo com que o aluno permaneça na sala de aula e nesta aprenda cada vez mais.

Assim, nosso artigo tem por objetivo refletir algumas questões atreladas a esta modalidade de ensino. Observando e destacando autores que tem refletido sobre o tema e que sinalizam as questões que envolvem a EJA como processo contínuo na educação e presente na sociedade atual. Para tanto, buscaremos juntos aos autores e documentos, tais como Freire (1979), UNESCO (2008), Azevedo (2001), Beisiegel (2008), Wanderley (2010), Behrens (2011), dentre outros, entender as configurações da EJA ao longo das décadas, desde os movimentos sociais a educação popular e seus reflexos na atualidade.

### **Um pouco do contexto: a EJA e sua normativa**

A educação brasileira vem nas últimas décadas dando passos significativos quanto ao acesso ao ensino e a ampliação a oferta de vaga na rede pública. Percebe-se com isso, que enquanto política pública, a educação passa por fases, os quais desencadeiam na formação do professor, nas adequações do currículo ao contexto, novas metodologias, além de interferir nos modelos de gestão e no processo cognitivo do aluno como um todo.

Como a EJA vem se firmando nesse cenário? Observa-se que diante da necessidade de adequação, do tempo-trabalho e tempo-escola, tal modalidade de ensino possibilita aos educandos concluir seus estudos sem precisar abandonar seu trabalho. Tal feito é estabelecido por lei e firmado parcerias entre os poderes públicos, União, Estados e Municípios.

Percebe-se que mesmo tida como diferente do ensino regular, a EJA é configurada como uma das modalidades de ensino na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), em dois artigos o 37 e 38. Compostos por cinco parágrafos, estes norteiam as questões da idade dos educando quanto ao ingresso em cada fase do ensino, além das questões de adequação curricular, que envolvam conteúdos e conhecimentos gerais trazidos pelos alunos à sala de aula.

Olhando mais de perto tal normativa, ficam-nos algumas questões as quais nos levam a refletir a real situação a qual nos encontramos. Até que ponto a escola e o modelo de escola que temos, tem priorizado tais habilidades individuais de nossos alunos em sala de aula? Se tais habilidades são difíceis de ser detectadas no ensino regular, como fazer o professor em tempo hábil, em turmas lotas, captar as mesmas e dar a oportunidade ao aluno de poder mostrar seus dons e a partir destes avaliá-lo como tal? Diante das condições as quais vivenciamos hoje em dia, observamos que, tais leis não são cumpridas, uma vez que a contar pelo número de aluno em sala de aula, fica impossível adequar os conteúdos as realidades trazidas pelos educandos. Assim, o fazer docente vai sendo marcado por desafios diários.

### **E os autores: o que dizem?**

Um dos grandes expoentes da educação brasileira Paulo Freire, assinala-nos que é preciso ter uma educação libertadora, que problematize, que os educadores estejam ao lado do educando, fazendo a dialogicidade do processo ensino-aprendizagem acontecer (FREIRE, 1979). Cremos que havendo o envolvimento do sujeito no processo como um todo, ele vai conseguir aprender em qualquer época ou situação a qual se encontrar. Dando a condição de mero receptor de conteúdos.

Assim, se o homem na condição de sujeito, a cada dia aprende um pouco mais sobre o mundo, neste interage e consegue situa-se, é preciso à escola e o professor também está atento a essas mudanças sociais e fazer com que novas metodologias, tecnologias venham a somar com as práticas existentes. Para que o aluno supere a situação de sujeito receptivo e passivo, e passe a ser agente de seu processo formativo no contexto da sala de aula. (BEHRENS, 23011)

Será que o modelo de escola que temos, está preparada para receber e trabalhar esses alunos na sala de aula, dando-lhe a oportunidade de ser aluno, crítico e participativo? E o professor, diante dos conteúdos, da grade curricular, da superlotação das salas de aulas, das dificuldades trazidas pelos alunos ao longo de seu processo formativo, está verdadeiramente preparado para

trabalhar com esse público específico – Jovens e adultos, no contexto da escola pública? A sala de aula enquanto espaço simbólico tem nos chamado a atenção ao longo de nossa formação acadêmica, e de nossa práxis cotidiana. Pois no instante em quem que passamos por ela, na condição de alunos, para ela regressamos, na condição de professor. Nos damos conta desse desafio, ao passo que somos conscientes que é preciso melhorar cada vez mais, para que sejamos significativos na vida daqueles e daqueles que nos procuram.

### **Considerações finais**

Nesse processo de trocas simbólicas, o qual nos inseridos, a sala de aula de EJA, fomos nos situando na história, no tempo e no espaço, e hoje nos vemos como mediadores do processo, construtores do conhecimento. Nosso desafio se faz no caminhar, no atuar, no instante em que somos desafiados a querer desafiar, vamos vislumbrando os resultados no processo. Pois, os que nos buscam, trazendo nas suas mochilas sonhos, esperanças, crenças, vivências, as quais marcaram sua vida escolar.

A escola como vemos, tem nas últimas décadas assumido um papel significativo na sociedade, vem proporcionando a libertação a seus sujeitos. Enquanto espaço, têm socializado os sujeitos e o aproximado a seus pares, mas é preciso um pouco mais, uma vez que necessitamos de um ensino humanizador, que inclui em seu currículo das tecnologias as vivências fora da sala de aula, para que dessa forma todos se sintam co-participe do processo. E aprendam no dia-a-dia com suas trocas simbólicas.

### **Referencias Bibliográficas**

- AZEVEDO, J. M. L. **A educação como política pública**. 2ª ed. Ampl.- Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 5ª. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BEISIEGEL, C. R. **Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil**. – Brasília: Líber Livro, 2008.
- BRASIL, Senado Federa. **LEI N° 9.394. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. - Brasília: 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 7ª ed. Rio de Janeiro. - Paz e Terra, 1979.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. - Brasília: UNESCO, 2008.

WANDERLEY, L.E.W. **Educação popular: metamorfose e veredas**. – São Paulo: Cortez, 2010.